

O ESTEREÓTIPO DA FOTOGRAFIA “RESTRITA E RESTRITIVA” NA GEOGRAFIA ESCOLAR.

Roberto Souza Ribeiro
Universidade Federal de Santa Catarina
ribeirogeografo@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho exposto é correspondente a um capítulo da dissertação de mestrado defendida no ano de 2014. Na pesquisa apresentada, dialogaremos o processo de estudo construído com os alunos do 9º ano da rede municipal de Florianópolis, na rota entre estereótipo e fotografia, onde descreveremos nossa análise sobre a estereotipia da própria fotografia. Assim, referiremos como foi o processo de estudo junto aos alunos e a construção do conhecimento e reconhecimento das imagens estereotipadas na questão do ensino de Geografia, dialogaremos perante aos usos das imagens fotográficas nos livros didáticos e suas características semelhantes, demonstrando aspectos intrínsecos ao espaço estudado. Elencamos alguns tipos de fotografias as quais tivemos contato e poderíamos assemelhá-las a um contexto estereotipado de representações, tais quais relativas a gêneros, divisões regionais, classificações econômicas, etnias, cultura, formações espaciais, espaços urbanos, em diversos âmbitos Geográficos.

Palavras-chave: Imagens; Esteriótipo; Ensino de Geografia; metodologia participativa em Geografia;

ABSTRACT

The work shown in this article corresponds to a chapter of the dissertation defended in 2014. In this paper we will discuss the studying process of students from the 9th grade from schools in Florianópolis considering correlation between stereotype and photography, where we will present our analysis of the stereotype of the photography itself. We will also describe the process of studying with students and the construction of knowledge and recognition of stereotyped images in teaching Geography. We will discuss the use of photographic images in textbooks and their similar characteristics, demonstrating inner aspects of studying. We characterize some types of photographs that could be similar to a stereotyped context of representations, such as on genres, regional divisions, economic classifications, ethnicities, culture, special formations, urban spaces, in various geographic spheres.

Keywords: Images; Stereotype; Geography Teaching; participatory methodology in Geography;

INTRODUÇÃO

O processo de estudo sucedeu com base na participação dos estudantes do 9º ano do ensino fundamental II da rede Municipal de Florianópolis, por meio de análise de imagens permitindo à construção de conceitos no processo de ensino da Geografia escolar. Sendo assim, esta pesquisa teve como objetivo geral apresentar o processo de análise de imagens com uma visão de interpretação e entendimento da estereotipia da imagem fotográfica no ensino de geografia, com este propósito, a pesquisa se desenvolveu com base na metodologia pesquisa-ação, onde vinculamos o pensamento de Thiollent (2005) para melhor explicitar nossa etapa de intervenção e participação dos alunos. Quanto ao aporte teórico foram abordadas três áreas de conhecimento distintas, com as imagens na educação geográfica. No estudo sobre a análise das imagens utilizaremos como base teórica autores, como; Martine Joly (1996), Jacques Aumont (1993), Susan Sontag (1993), Gilles Deleuze (2007) Phillippe Dubois (1993), entre outros. Na questão das imagens inclusas em um viés didático, utilizou-se pensadores, como; Mônica Fantin (2000) e (2006), Marcos Napolitano (2010) Lana Cavalcanti (2012), sendo alguns dos pilares que irão fornecer subsídios para nossa proposta metodológica. Na abordagem sobre a Geografia e as imagens têm-se como embasamento os pensadores, Wenceslao de Oliveira Jr (2009), Dorren Massey (2009), Paulo César da Costa Gomes (2011), Milton Santos (1987) e (2009).

Dialogando junto aos usos das imagens fotográficas nos livros didáticos de Geografia, relatamos que grande parte destas possui características semelhantes, onde demonstram aspectos intrínsecos ao espaço estudado. Isto nos levou a refletir que se a análise da imagem fotográfica pelos professores e alunos não for aprofundada, não houver um estudo sobre os dispositivos de interpretação, estas imagens Geográficas podem cair em um uso clichê, relatamos que partes destas imagens são representadas por mensagens visuais um tanto quanto estereotipadas, ou seja, demonstram realidades culturais e espaciais do autor da foto e na maioria das situações que não condizem com a realidade espacial do todo em questão, ou pelo menos não contempla o todo de um espaço geográfico.

NOSSO ENTENDIMENTO POR IMAGEM

“Ler uma imagem” é ter capacidade de interpretar o espaço geográfico, pelos nossos diversos tipos de representações e signos visuais que nos acompanham ao longo

de nossa história como humanidade. Assemelhar e representar são analogias que nos geógrafos somos intrinsecamente dependentes, ao pensarmos o mundo, ao fazermos a “*Geo – Grafia*” do mundo estamos espacialmente representando diferentes dispositivos de assimilações e explicações visuais de um mundo geográfico. Na busca conceitual relativa à palavra imagem, deparamos com um campo quase que inacessível de abordagens, algumas semelhantes, outras nem tanto, dentro do campo da etimologia a palavra imagem sofre novamente distintas denominações entre diferentes civilizações, e pelo fator tempo histórico. Para um maior esclarecimento, embasamos no conceito descrito pelo dicionário etimológico da língua portuguesa, onde encontramos a definição;

Imagem *sf.* ‘Representação de um objeto pelo desenho, pintura, escultura etc.’ ‘Reprodução mental de uma sensação na ausência da causa que a produziu’ ‘reflexo de um objeto no espelho ou na água’ ‘figura, comparação, semelhança’ | XIII, *ymagen*, XIII, *omagen* XIII, *imagêe* XIV etc. | Do lat. *Imago-ginis* || *imaginação* XIV. Do lat. *Imaginato-ōnis* || *imaginante* 1881 || *imaginar* | *emaginar* XIV, *enmaginar* XIV etc. Do lat. *Imagināre* || *imaginário* XVI. Do lat. *Imaginārius* || *imaginativa* *sf.* ‘arte de fazer imagens’ XVI. Do lat. *Imaginōsus* || *imagismo* XX. Do ing. *Magism*, de *image* ‘imagem’ deriv, do fr. *Image* e, este, do lat. *Imago-ginis* || *imagista* XX. Do ing. *Imagisit* || *imago* XX. (CUNHA, 2007, p. 425).

Como vemos, o termo imagem possui sua gênese no Latim (*imago-ginis*). Observemos que o termo expressa a capacidade de formar uma imagem mental de algo, já pela derivação de *Imago* “imagem representação” da mesma raiz de *imitari*, “copiar, fazer semelhante”. Essa capacidade de formar uma imagem mental de algo ou de copiar, fazer semelhante, contempla um ideal peculiar à Geografia.

Buscando embasamento sobre as diferentes utilizações da imagem junto aos métodos geográficos, recorreremos à citação explicitada por Wenceslao Machado de Oliveira Jr, onde encontramos uma abordagem relativa às imagens e a geografia de forma bem esclarecedora, ao relatar;

Vertentes mais recentes, como a Geografia Cultural e a Geografia Humanística, passaram a tomar para si as imagens com fenômeno de interesse geográfico, partindo do princípio de que elas atuam fortemente na atual partilha do sensível, realizada também nas narrativas em imagens acerca do mundo no qual vivemos. (2009, p. 18).

Ao dialogarmos com a temática imagem, relativamente também estamos abordando a questão da representação, pois enquanto espectador de uma imagem, cada qual interpreta pela sua vivência. Estamos inseridos em uma representação espacial, por tanto, faz-se necessário compreendermos melhor o que significa “representar”, sendo

que, o conceito de representação possui uma essência difusa, e recebe diferentes denominações em diferentes áreas da ciência. Utilizaremos a palavra “representação” de acordo com a definição de Jacques Aumont, onde encontraremos uma grande relação com a representação necessária para uma análise geográfica;

De fato, a noção de “representação” e a própria palavra estão carregadas de tantos estratos de significação acumulados pela história, que é difícil atribuir-lhes um único sentido, universal e eterno. Entre uma representação teatral, os representantes dos povos na câmara, a representação fotográfica e pictórica, há enormes diferenças de status e de intenção. Mas de todos esses usos da palavra, pode-se reter um ponto comum: a representação é um processo pelo qual se institui um representante que, em certo contexto limitado, tomará o lugar do que representa. (1993, p. 104).

Tomar o lugar do que se representa, não parece nenhuma novidade para geografia, mas obter essa aptidão junto às imagens trabalhadas no ensinar não é tão pretérito assim. Ao pensar a representação por um viés mais geográfico, ou melhor, ao tomar o lugar da imagem como uma representação geográfica embasamos na descrição feita por Wenceslao Oliveira Jr, onde se faz pensar em “estar” enquanto “sentido”;

Representar aqui, está no sentido de *estar- no- lugar- de* e não de *ser- o - mesmo -que*. No entanto, notadamente no que se refere às fotografias, aos filmes e às obras televisivas, esta distinção é quase sempre apagada, um sentido tornando-se outro... (2009, p. 21).

Tentando inibir o tipo de imagem fotográfica geográfica estereotipada, acreditamos que a credibilidade de uma imagem não está somente nos elementos aos quais fazem parte, mas também no contexto, no focar e excluir dos cenários. Esta descrição do significado de representação aqui utilizada vai ser útil na medida em que iniciarmos nossa descrição prática de proposta de aplicação com os alunos, relativa às metodologias visuais. Não teremos a ambição de aprofundar nosso diálogo sobre suas funções cognitivas e psicológicas pertinente ao tema, mas sim, sobre como uma análise representativa de uma imagem pode fornecer potenciais para um estudo geográfico escolar.

ANALISANDO AS IMAGENS.

Iniciamos a aula prática com os alunos do 9º ano sem questionamento algum, apenas expondo a imagem a seguir:

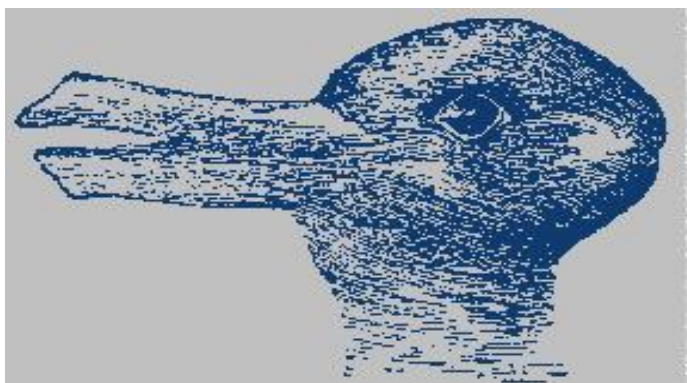


Figura 01 - Pato ou coelho . <http://sinalizando.blogspot.com/2009/05>>. Acesso em: 29/08/2012.

A reação dos alunos (as) nas diferentes turmas deu-se semelhante (turmas mais alvoroçadas outras mais expectadoras), no entanto, todos tinham algo a falar, demonstraram-se participativos, tendo como principal reação à fala: “é um pato!” ou “é uma gaiivota pô!!”, até que alguém indagasse, “não é um coelho”, outros diziam “coelho? Onde? Que coelho?”, e assim não interferimos por alguns minutos até que todos tivessem debatido, questionando e brincado um pouco também com a imagem, só assim foi perguntado “Mas afinal isso é um pato ou coelho? Ou o que?” após algum tempo de exclamações, afirmações e indagações a maioria concordava que era os dois animais, ou até mesmo outros. Como nos dizeres “Uma imagem pode criar uma ilusão, pelo menos parcial, sem ser a réplica exata de um objeto, sem constituir-se num *duplo* desse objeto”. (AUMONT, 1993 p.102).

Durante o alvoroço de indagações, foi questionado, “Mas afinal e se nós não conhecêssemos um pato? ou nunca tivéssemos contato com um pato? será que o identificaríamos?” Formou-se um debate muito produtivo, diante de nossas especulações, grande parte dos alunos queria manifestar seus pensamentos, muitos falavam ao mesmo tempo, outros pensavam sobre o assunto, mas em geral a conclusão se deu que você não reconhece o que não conhece.

Nesta etapa da aula tentamos expor algum dos ideais que contemplam teoricamente este trabalho, relatamos alguns estudos de interpretação da imagem, de como identificamos uma imagem e iniciamos na questão de representação. Está exposição teórica se deu de forma bem simplificada, ouvindo os relatos dos diversos alunos e tentando exemplificar o quanto é difícil entender o que uma imagem pode nos significar. Um dos exemplos mencionados em sala é descrito abaixo, onde o autor excursiona um pouco sobre a relação das imagens na naturalidade humana.

Acontece de certas pessoas adultas jamais terem visto imagens, porque vivem em áreas isoladas de regiões onde a tradição cultural não emprega a imagem figurativa. As imagens figurativas permanecem, então, para essas pessoas, arranjos de cores e de formas que não remetem em caso algum a elementos da realidade. (JOLY, 1998. p 43).

Uma ressalva importante a mencionar é de que a primeira consequência observada nessa prática pedagógica foi que a observação das imagens pelos alunos voltou-se primordialmente para a analogia, ou a da própria semelhança entre coisas, colocando a imagem de início em uma categoria de representação de algo já conhecido.

Discutimos brevemente sobre o ponto comum entre as diferentes significações do conceito de imagem e suas analogias, que antes de tudo a imagem é algo que se assemelha a outra coisa, todo esse processo de exposição da imagem acima e discussão deu-se em 15 a 20 minutos no máximo, priorizamos a escuta do que a fala. E seguindo o raciocínio sem concordar ou discordar de qualquer opinião, fala ou manifestação alguma, foi projetada a imagem a seguir, agora sim, uma imagem famosa.



Figura II – Renne Magritte; <http://anyblogiwant.blogspot.com/2010/08>. Acesso em: 29/08/2012.

Nas diferentes turmas a manifestação inicial foi unânime “é um cachimbo”, em alguns casos isolados foram ditas coisas tais como: “é um berrante” ou “uma bengala”. Após a exposição desta imagem, alguns minutos em silêncio, observando a reação de todos, sem opinar ou falar, apenas contemplando o momento de euforia e piadas, assim foi feita a intervenção: “Se a imagem parece, é porque ela não é a própria coisa então? Ela está ali como um signo do real?”. O engraçado é que essa analogia para os alunos era lógica, mas a explicação por que ela se dá, parecia coisa de outro mundo, foi explicitado que a semelhança é o princípio de funcionamento entre real e representado.

O objetivo da exposição da imagem acima era de trabalhar previamente a relação de real e representado, logo após o consenso dos alunos em que estavam diante

de um cachimbo foi enfatizado se alguém poderia pegar o cachimbo que eu iria fumar nele, pois afinal, qual é a função de um cachimbo?

Entre duas fotocópias do mesmo documento, por exemplo, há sempre diferenças, às vezes ínfimas, que permitem distingui-las quando se desejar. A fortiori, a fotografia de um quadro não pode ser confundida com esse quadro, nem uma pintura com a realidade. O problema da ilusão é outro bem diferente: trata-se não de criar um objeto que seja a réplica de outro, mas de um objeto – a imagem – que duplique as aparências do primeiro. (AUMONT, 1993, p. 102).

Foi uma breve abordagem da relação e representação das imagens, mais de suma importância para o desenvolvimento da pesquisa, é importante ressaltar que seguimos com essa prática, apresentando e dialogando pelo menos com mais 20, imagens em nosso debate e aula sobre interpretação das imagens.

AS IMAGENS NOS LIVROS DIDÁTICOS

Seguindo essa lógica da abordagem da exposição e debates sobre as imagens, mas agora focado somente nas fotografias as quais encontramos nos livros didáticos de geografia, utilizamos uma sequência de 18 imagens retiradas dos mais variados livros didáticos, publicadas nos últimos 8 anos. Nosso foco principal nesta etapa foi almejar o diálogo sobre o uso das imagens fotográficas nos livros didáticos, questionando a relação existente entre o uso de imagens fotográficas e a formação de um espaço Geográfico estereotipado. Os diálogos em aula formaram um ideal de minimizarmos o uso da imagem fotográfica como clichê. Assim após algum tempo de análise das imagens, os alunos com olhos um pouco mais atentos, expomos as imagens fotográficas tais como;



Figura III: Pecuária em Bagé, RS. Fonte: (CASTELAR; MAESTRO, 2006. p.193).



Figura IV: Criação de ovelhas, Bagé, RS. Fonte: (PIRES, BELLUCCI, 2009, p.120).



Figura V: Pelotas, RS. Fonte: (ARARIBÁ, 2007, p.164).

As figuras III, IV e V são exemplos de fotografias das quais analisamos em sala de aula, foram tirados de livros didáticos onde o conceito estudado é o de regiões brasileiras, livros utilizados na antiga 7º série e atual 8ºano. Não pretendemos desqualificar o conceito de regionalização tão intrínseco a geografia escolar, nem desconsiderar que as fotografias acima também descrevem parte deste espaço geográfico, mas essa semelhança nos levantou o questionamento, é possível falar e visualizar a região sul apenas por essas fotografias?

Portanto, as imagens mudam os textos, mas os textos, por sua vez, mudam as imagens. O que lemos ou ouvimos a respeito das imagens, a maneira como a literatura, a imprensa, a sinalização apropriam-se delas, trituram-nas e apresentam-nas determina necessariamente a abordagem que fazemos delas. (JOLY,1996, p. 131).

Na análise das fotografias um fato inusitado é que em todas as turmas descritas como participantes da pesquisa, apenas uma minoria se considerava representado

culturalmente por tais fotografias, e grande parte desta minoria era representada por alunos migrantes do Oeste Catarinense e do interior do Rio Grande do Sul.

Gostaria que ficasse claro para todos os leitores, que em nenhum momento discriminamos ou desqualificamos as fotografias e sua cultura simbolizada, apenas questionamos porque elas estavam ali? Repetitivamente, quase que idênticas, com dificuldade de separar uma da outra. Sabemos que a regionalização facilita o estudo específico de diversos fenômenos, mas é importante atentarmos que a exclusão de outros fenômenos certamente acarretara em erro ao analisarmos um espaço pelo todo.

Como mencionado na abordagem fotográfica da região Sul, ressaltamos que grandes partes das imagens fotográficas representam a pecuária relacionada às tradições gaúchas, em uma representação espacial de único, sim, são elementos marcantes da região, porém, a descrição paisagística e a abordagem textual das mesmas estão excluindo os demais cenários que poderíamos problematizar no estudo de geografia. Os alunos (as) relataram que neste contexto de estudo serão induzidos a acreditar que o Sul não há outras formas sociais, que não existem outras relações culturais, naturais e econômicas no local representado. Se não pensarmos as imagens com nossos alunos e somente as expor, levaremos a uma concepção espacial de espaço clichê.

Nesta discussão de estereotipo e fotografia, buscamos permear nossa visão na questão da inclusão de elementos geográficos minoritários, relacionamos o contexto de estereotipo junto ao de inclusão, como na menção de Sontag; “A fotografia fornece provas. Determina coisa de que de que ouvíamos falar, mas que nos sucinta dúvida parece-nos comprovada quando dela vemos uma fotografia” (1993, p.5). Buscamos levar o entendimento que o estereotipo local acaba por excluir outros símbolos a serem contemplados, mascarando ou pelo menos minimizando a realidade espacial e social local.

Continuando o processo de análise das imagens, elencamos alguns tipos de fotografias as quais tivemos contato e poderíamos assemelhá-las a um contexto estereotipado de representações, tais quais relativas a gêneros, divisões regionais, classificações econômicas, etnias, cultura, formações espaciais, espaços urbanos, em diversos âmbitos Geográficos. Essa insuficiência informativa e de linguagem direcionada a certos elementos de uma paisagem, e não sobre sua complexidade tende a ter uma característica contraditória em sua representação.

Na questão do ensino de Geografia contamos que grande parte destas imagens possuem características semelhantes, isto nos levou a refletir em uma abordagem

metodológica, ou melhor, se a análise da imagem fotográfica pelos professores e alunos não for aprofundada, não houver um estudo sobre os dispositivos de interpretação, estas imagens Geográficas podem cair em um uso clichê. Obtivemos este anseio por não concordarmos com grande parte das imagens fotográficas geográficas apresentadas nos livros didáticos, essas imagens em suma possuem credibilidades um tanto quanto questionáveis, os cenários focalizados nestas representações estão generalizando e excluindo grande parte das culturas locais brasileiras. A fotografia normalmente apresentada por um espaço geográfico é “real”, mas não contempla a realidade espacial como um todo, e isto é a peça chave deste estudo.

Nas fotografias que utilizamos neste estudo percebemos que algumas poderiam estar ali sem ao menos pensarmos em seu contexto de mensagem, ou seja, o que ela realmente quer nos dizer. Lembramos que o uso da fotografia pode constituir em uma grande experiência devolutiva, e não, mais um aspecto decorativo no ensinar. Este questionamento sobre as representações fotográficas utilizadas no ensino de Geografia faz-se necessário ao pensarmos que raramente os professores utilizam métodos de análise fotográficos junto aos alunos para contemplação de suas aulas, mesmo quando o foco de estudo é direcionado ao lugar ou cotidiano que o aluno está inserido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que enquanto educador devemos rever posicionamentos de certas fotografias as quais utilizamos nos livros didáticos, refletindo sobre o que estamos representando no ensinar Geografia, questionando nossos alunos para obter uma maior compreensão dos espaços Geográficos, para assim conduzir a uma formação não equivocada, que fortaleça os valores democráticos e éticos junto aos conceitos centrais da Geografia.

É importante que fique claro que em nossa análise foi no viés da reflexão - entre a relação de estereótipo e imagem - não foi nossa pretensão elaborar uma análise detalhada qualitativa ou quantitativa das imagens pertencentes ao diversos livros didáticos. A fotografia clichê tem se expandido cada vez mais no âmbito do ensino, e nos diversos meios de comunicação, acarretando em concepções espaciais de escalas não compatíveis com a realidade dos locais. Confiamos no uso das fotografias no ensino de Geografia em sua essência para o conhecimento social de qualquer indivíduo, porém, a analogia das fotografias com espaços Geográficos não deve ser entendida como um

empecilho para a compreensão das relações espaciais. É importante desenvolvermos outros meios metodológicos de análise das fotografias, olharmos por um novo código visual. Temos que ultrapassar a intencionalidade que a mensagem visual nos propõe, e saber reconhecer o que é representar em partes um espaço Geográfico.

Ao aluno saber que a fotografia é dar foco a algo, e excluir muitos outros elementos, já terá a noção de que nem tudo representado em uma imagem representa o todo daquilo fotografado. Também não pretendemos desqualificar a importância das fotografias dos livros didático, nem tão pouco desconsiderá-la como parte de um processo de construção do conhecimento, principalmente por perpassar cenários dos qual grande parte dos estudantes só teriam conhecimento pelo meio imagético. Mas objetivando a fotografia como fator processual, metodológico e pedagógico da geografia escolar, considera a necessidade de desenvolvimento crítico do porque tais fotografias estejam ali, naquela página, abordando tal conceito, e acreditamos que ainda não está sendo pensada de maneira satisfatória em sala de aula.

Querer analisar a imagem em um viés geográfico e pedagógico não estereotipado, pode ser bem mais eficaz do que nossos objetos iniciais, por tanto, tentar decifrar, analisar, entender o espaço pelas imagens pode nos fornecer grandes resultados no âmbito da ciência Geográfica.

Propomos com está explanação não a desvinculação das imagens dos livros didáticos de Geografia, mas sim, uma melhor metodologia funcional no ensinar geografia, pelo visual fotográfico. Levar nossos alunos a um pensamento mais analítico de uma imagem, buscar indagações perante as diversas mensagens visuais presentes em uma fotografia, pode ampliar o potencial científico imposto em uma fotografia sobre a Geografia escolar. Trabalhamos a questão do estereotipo incluso nas fotografias geográficas, questionamos os espaços clichês, mais dialogamos do que concluímos teorias, todo esse processo foi fundamental para adentramos ao tema inclusão das imagens como método de ensino. Essa imersão no contexto e reflexão das fotografias estereotipadas inclusas nos livros didáticos forneceu um grande propósito para os alunos captarem as suas fotografias por um olhar do seu local, ressaltando as problemáticas as quais eles queriam debater em sala de aula, partindo de um debate da escala geográfica do local para o global.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARARIBÁ, Projeto. **Geografia: ensino fundamental 7º ano. 2º ed**, São Paulo: Moderna, 2007, p. 164-186.

AUMONT, Jacques. **A imagem: (Trad. Estela dos Santos Abreu)**. Campinas: SP: Papyrus, 1993, p. 331.

CALLAI, H. C. **A formação do Profissional da Geografia: Ijuí: Unijuí**, 1999.

CASTELAR, Sonia; MAESTRO, Walter. **Geografia 7º ano: São Paulo: Quinteto Editorial**, 2006. p.126-220..

CUNHA, Antônio Geraldo. **Dicionário etimológico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

DELEUZE, Gilles: **A imagem-tempo: (Trad. Eloísa de Araújo Ribeiro)**. São Paulo: Brasiliense, 2007, p. 338.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2011, p. 27.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Trad. Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 1996. p.152.

KAERCHER, N. A. **Desafios e Utopias no Ensino de Geografia: Santa Cruz do Sul: Edunisc**, 2003.

MASSEY, Doreen Barbara. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Trad. Hilda Pareto Maciel. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

OLIVEIRA Jr, Wescsláo Machado de. Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores. **Pró-Posições - Revista Quadrimestral da faculdade de Educação, UNICAMP: V 20, n.3, p. 17-28, set/dez, 2009.**

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.

SANTAELLA, L; NÖTH, W. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre fotografia: (Trad. Joaquim Paiva)** Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2005.